

ENTREVISTA COM ROBERTO RODRIGUES
MINISTRO DA AGRICULTURA

“A VIDA É FRUTO DA PARCERIA ENTRE O AGRICULTOR E DEUS”

Nosso Ministro da Agricultura é paulista da cidade de Cordeirópolis, onde nasceu em 12 de agosto de 1942. Cordeirópolis é uma típica cidade do que se chamou – um dia – de “interior” do Brasil, pois fica a 9 km de Limeira e a 15 km de Rio Claro.

E Roberto Rodrigues é, de fato, o melhor exemplo possível do moderno “homem do campo” brasileiro. Tem

um extenso currículo, em que se destacam atividades na Academia, como professor e administrador. Doutor Honoris Causa pela UNESP, tem centenas de trabalhos publicados sobre temas relacionados à agricultura. É um bem-sucedido empresário rural, tendo exercido atividades em várias entidades de classe e associações brasileiras e internacionais. Foi dirigente de cooperativas agrícolas e de crédito rural, tornando-se especialista nesses importantes setores. Recebeu medalhas e condecorações, assim como prêmios e destaques

profissionais em todas as áreas em que atuou.

Nas vésperas de sua recente viagem à China – como uma das “estrelas” da comitiva do Presidente Lula –, o ministro encontrou o tempo necessário para conceder esta entrevista exclusiva à *Revista da ESPM*. Em parte pelas suas reconhecidas afabilidade e gentileza; mas em parte, também, como afirmou logo ao receber-nos em seu gabinete em Brasília, por reconhecer que “comunicação e marketing são coisas muito importantes para o agro-negócio brasileiro”. ■

Roberto Rodrigues

**ROBERTO RODRIGUES
É, DE FATO, O MELHOR
EXEMPLO POSSÍVEL
DO MODERNO "HOMEM
DO CAMPO" BRASILEIRO.**

Foto: Revista da ESPM



Gracioso – Ministro, em que consiste o agronegócio brasileiro?

Ministro – *Agribusiness* ou agronegócio, no fundo, são a mesma coisa. *Agribusiness* é um conceito desenvolvido nos anos 50 em Harvard, nos Estados Unidos, por um professor chamado Ray Goldberger e seus companheiros, cuja caracterização é: o conjunto de ações socioeconômicas que envolvem uma cadeia produtiva ligada à agricultura. Por sua vez, a cadeia produtiva é a atividade que começa na prancheta de um pesquisador científico que está investigando variedades novas e

algo entre 57% e 60% do PIB do agronegócio. Esses três elementos compõem a cadeia produtiva e a idéia de agronegócio. Portanto, quando falamos de uma cadeia produtiva, por exemplo, da cerveja, imaginamos que a coluna dorsal dessa cadeia não é a fábrica de cerveja; é o produtor de cevada. Este produtor é que demanda fábricas de máquinas agrícolas, de fertilizantes e defensivos, empresas produtoras de sementes, pesquisa e tecnologia que permitam o desenvolvimento da cadeia produtiva da cevada, da cerveja. É ele que demanda a oferta de serviços como créditos, seguros.

de outros fatores que intercorrem e interagem com a cadeia – o copo, a siderurgia, a energia para fazer aço. Tudo isso é puxado para o agronegócio, embora não faça parte dele. Além de ser um setor muito grande, conceitualmente falando, ele acaba estruturando outros setores da economia, até mesmo estradas, portos, ferrovias, acabam sendo construídos e demandados porque o agronegócio exige aquilo para o seu escoamento. Esse é o conceito.

Gracioso – E, por que, assim de repente, descobrem que o agronegócio é tão importante?

Ministro – Porque está na capa de *Veja*! Porque é o maior negócio do Brasil. Ele representa 33% do PIB nacional, gera 37 milhões de empregos no país e é responsável por 42% das nossas exportações. E mais: o superávit do agronegócio tem garantido o superávit do país, como um todo, porque os demais setores não dão superávit. No gráfico ao lado, por exemplo, a linha azul é o superávit da agricultura, a verde, os demais setores e a vermelha, o conjunto. Em 2003, houve um superávit no agronegócio de quase 26 bilhões de dólares, que garantiu o superávit de 28 bilhões do país; os outros setores tiveram um déficit de um bilhão de dólares. Na verdade, se observarmos esse gráfico, vamos perceber que o superávit da agricultura é sistêmico e crescente desde 1960. Só que nunca houve o reconhecimento público desse fato, e acho que há uma explicação que vale a pena comentar. Quando o Brasil – nos anos 50 – optou pelo modelo de urbano/industrialização,

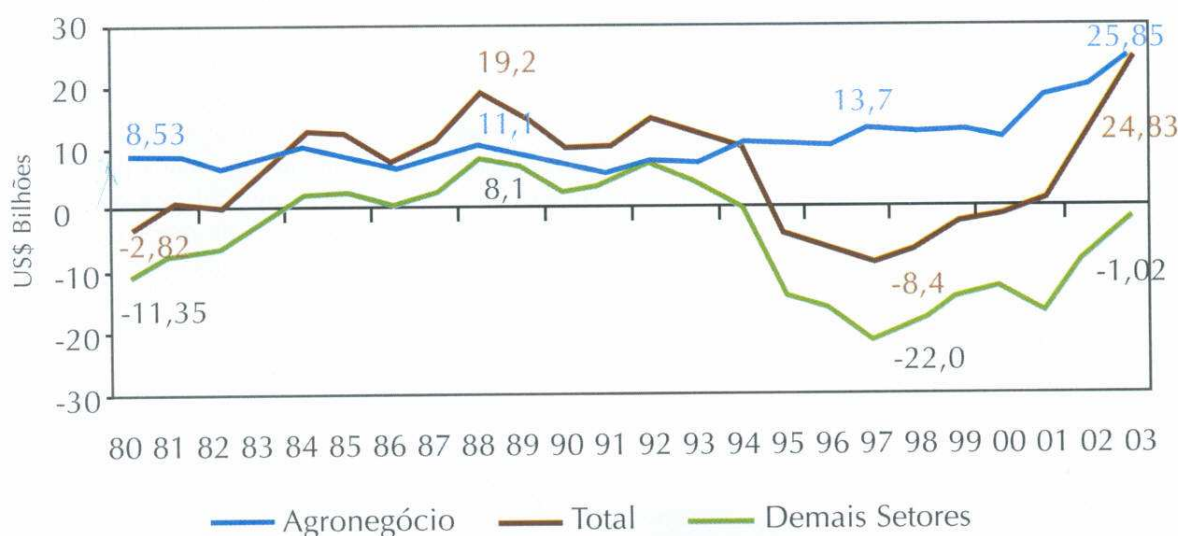
“AGRIBUSINESS É UM CONCEITO DESENVOLVIDO NOS ANOS 50, EM HARVARD.”

termina na gôndola do supermercado. Essa cadeia produtiva tem capítulos e esses capítulos foram classificados em três grandes grupos: o que vem antes da porteira da fazenda, que são os setores de pesquisa, assistência técnica, produção e suprimento de insumos e serviços (fertilizantes, defensivos, sementes, máquinas agrícolas, crédito) – que representam, no Brasil, pouco mais de 10% do PIB do seu agronegócio. Depois vem o que está dentro da porteira da fazenda, que é a produção propriamente dita (os empregos gerados no campo, a atividade produtiva no preparo do solo, plantio, colheita), que representa 33% do total do PIB do agronegócio. E depois da porteira, que é o terceiro capítulo, a armazenagem, industrialização, embalagem, distribuição, transporte e que compõem

Isso tudo vem antes da porteira da fazenda e acaba, por sua vez, demandando outros serviços que já não estão na cadeia produtiva, como a indústria siderúrgica e o setor de mineração, por exemplo, sem o que não haveria aço para a construção de tratores, máquinas e equipamentos agrícolas. Esse produtor de cevada vai produzir a matéria-prima para uma maltaria e os empregos numa empresa de malte; depois, os empregos numa fábrica de cerveja e os empregos nas fábricas de garrafas, latinhas, engradados etc. que entram na cadeia produtiva. Mas não entram na cadeia produtiva a geladeira, o copo, a mesa de botequim, o emprego do garçon. Então, há limites para o conceito de agronegócio, que são muito bem definidos, tecnicamente. Mas há, além da cadeia produtiva, um conjunto muito grande

COMPARATIVO BALANÇA COMERCIAL

Total x Agronegócio x Demais setores
Saldo Balança Comercial 1980 – 2003



como sinônimo de progresso, era um país agrícola e todo o capital e a economia dependiam do café e de açúcar, que eram as grandes âncoras. Com o modelo urbano/industrialização, o que se montou? Montou-se um sistema de transferência de renda do campo para a cidade para desenvolver o setor urbano/industrial – n fatores: salário mínimo baixo para garantir o lucro das empresas nascentes na indústria e nos serviços. Isso tinha que ser garantido por preços baixos para alimentos; caso contrário, o salário mínimo não garantiria, jamais, a condição de sobrevivência das empresas. Então, houve um conjunto de fatores que pode ser traduzido por transferência de renda do campo para a cidade porque era esse o modelo urbano/

industrial dos anos 50. O que aconteceu? Os agricultores reclamaram, e essa reclamação era procedente porque se tirou o dinheiro deles para desenvolver o setor urbano/industrial. O governo subsequente – nos 60, 70, já no regime militar – respondeu à essa grita, criando mecanismos de crédito subsidiado, preços mínimos – alguns instrumentos que respondessem aos agricultores de maneira positiva, para que sua renda cadente não se transformasse numa gritaria insuportável. A sociedade ouvia a gritaria dos produtores que – nos anos 50,60 – não tinham o padrão tecnológico que temos hoje. A agricultura não era um setor desenvolvido, embora fosse um setor economicamente ativo porque os outros não existiam ainda.

Então, o governo deu-lhes crédito rural subsidiado, alguns instrumentos que foram beneficiar uma parcela dos produtores – que tinham acesso a crédito, melhor organização. Mas a grande maioria não teve acesso a esse crédito e outros fatores, devido a burocracias. O governo implementou políticas que não atenderam a todos e a gritaria então, continuou. E o governo defendeu-se desse fato, dizendo que o agricultor era chorão, reclamão, incompetente... Criou-se, assim, uma imagem negativa do produtor perante a sociedade urbana. E esse processo, lamentavelmente, já havia sido alimentado, no passado, por idéias como a do Jeca Tatu, o barão feudal, o usineiro do nordeste. ▀

JR – O Senhor deve ter lido Monteiro Lobato, em criança. A prosperidade do Sítio do Pica-Pau Amarelo acabou vindo do petróleo.

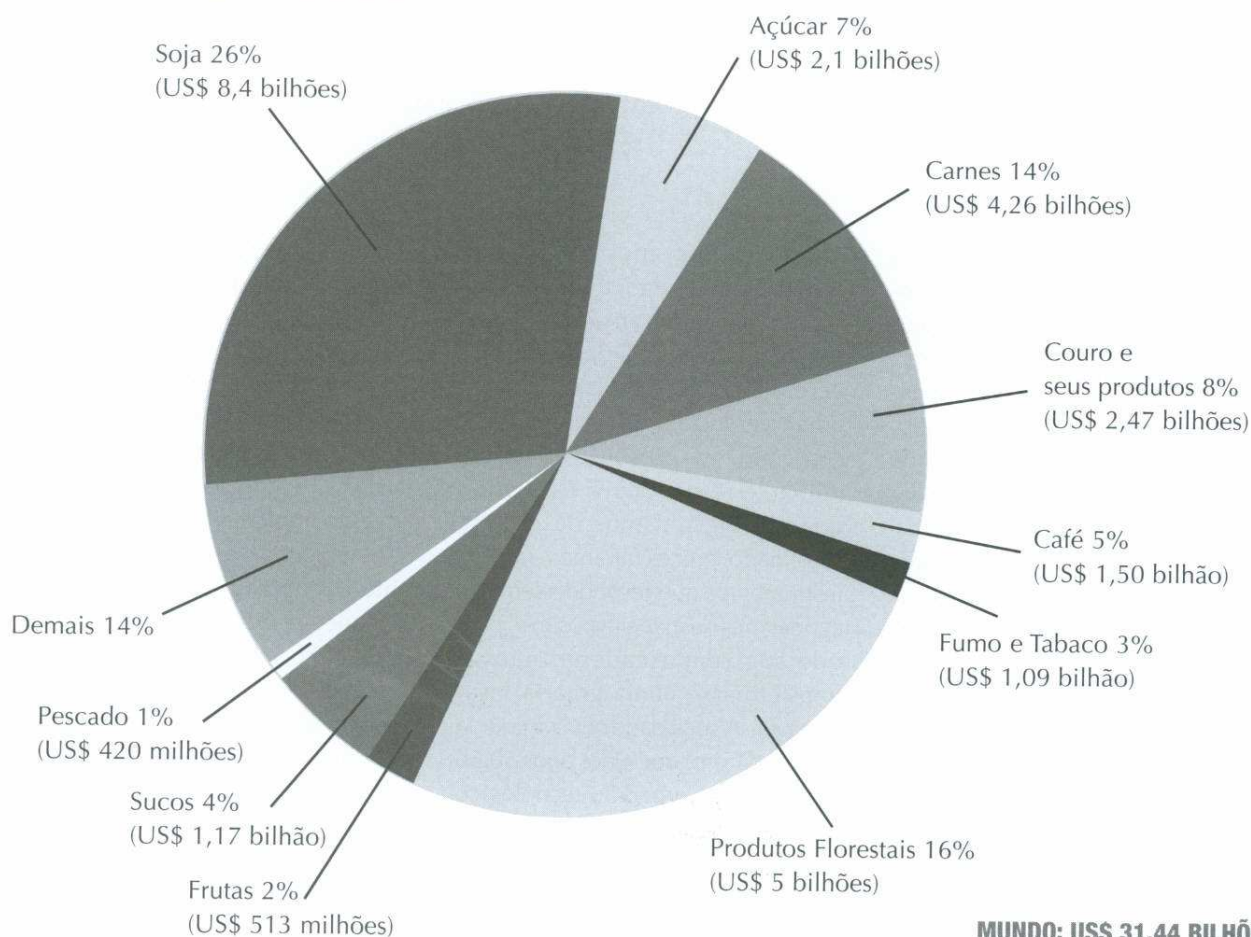
Ministro – Exatamente. O Jeca Tatu era dele, assim como o comprador de fazendas, o negócio da geada, cidades mortas. Tudo veio desse imaginário de uma agricultura exploradora e pouco eficaz. A imagem negativa do produtor rural ficou. Só que ele foi-se modificando, foi fazendo ajustes internos em

tecnologia, criou-se a Embrapa nos anos 70, a tecnologia cresceu, mudou o panorama, houve uma conquista das fronteiras agrícolas. Enfim, os fatores foram-se modificando, mas a imagem não. Até que ocorreram alguns fenômenos determinantes para a mudança da imagem. O primeiro foi o plano Collor, que foi brutal para a agricultura por várias razões. Primeiro, houve uma correção dos índices de crédito rural diferente dos índices do preço agrícola. Então, um produtor

que tinha uma colheita – era março e a cultura estava em desenvolvimento – tinha uma dívida de 100, ia colher uma produção de 120, com a qual pagaria a dívida e sobraria 20 para continuar a atividade. Foi dormir devendo 100 e tendo de resolver seu problema dia 15/março/1990; e acordou devendo 184 e sobriam apenas 165, porque corrigiu-se a dívida pela BTN e o preço agrícola pelo IPC. Essas diferenças de preço deram brutal prejuízo contábil para a agricultura.

EXPORTAÇÕES AGRONEGÓCIO – PRINCIPAIS PRODUTOS

Últimos 12 meses – (mar./03 a fev./04)



Houve uma grande quebra de exclusão social no campo. Todos os que não puderam resistir a esse problema contábil foram excluídos. E essa exclusão consolidou-se com o plano Real, quando, de novo, as dívidas foram corrigidas pela TR e os preços pelo mercado. Então, em um ano, as redes produtoras dobraram e os preços caíram 15, 20%, para a economia estabilizar. Esses dois planos – Collor e Real –, produziram uma grande mudança no campo brasileiro. Nesses dois momentos – entre 90 e 94, entre o plano Collor e o plano Real – aconteceu uma tríplice coalizão na história econômica da agricultura brasileira, que foi a abertura comercial – arrombamento comercial – e, portanto, ficamos expostos a um mercado livre para o qual não estávamos preparados. O Brasil era um país fechado e se abriu, tinha a estabilidade de uma economia instável e foi estabilizada. As políticas protecionistas faliram. Tivemos uma abertura comercial sem nenhum tipo de proteção, estabilização interna da moeda, sem nenhum tipo de preparação e com a falência das políticas públicas. Essas três coisas consolidaram duas “ondas” na agricultura brasileira: uma que eu chamo de “revolução barulhenta”, que foram os excluídos do campo. Calculamos que dois milhões de trabalhadores perderam emprego neste período, e mais 250 mil pequenos produtores perderam tudo o que tinham. E a revolução silenciosa, feita pelos agricultores, que sobraram e incorporaram a tecnologia, gerência, agregaram valor e criaram esse milagre do agronegócio brasileiro, que está sustentando a

economia brasileira. De repente, esse processo – que vinha desde os anos 60 – emergiu vigorosamente há 3, 4 anos, por causa desses dados da balança comercial, geração de empregos e renda, e pela abertura da fronteira agrícola que se transformou numa coisa pública. A opinião pública começou a ser modificada por causa desse fenômeno.

Gracioso – Ministro, a crédito do setor público, é preciso dizer que quando esses empreendedores se lançaram à conquista da nova fron-

ModerFrota que nós implementamos – mas que nasceu no governo passado –, e isso permitiu uma mudança em toda a mecanização agrícola brasileira, dando nova qualidade ao agronegócio. Terceiro: O câmbio em 1999. Aquilo era uma âncora artificial que inibia as nossas condições de exportação. A mudança do câmbio em janeiro de 99, fez com que ficássemos altamente competitivos, e o mundo inteiro teve medo do Brasil. Quarto: Políticas públicas. O governo reconheceu que o plano Collor e o plano Real tinham destruído todo um setor e, no

“ALÉM DE SER UM SETOR MUITO GRANDE, ACABA ESTRUTURANDO OUTROS SETORES DA ECONOMIA.”

teira e das áreas tradicionais, a pesquisa agrícola da Embrapa ajudou muito.

Ministro – Sem dúvida. Um dos fatores que levaram a essa verdadeira explosão foi a Embrapa. O Brasil é hoje o país tropical com a melhor tecnologia agrícola do mundo – tecnologia tropical. A Embrapa, o Agrônomo e Campinas, Instituto Biológico, estações experimentais no Brasil inteiro, universidades como a Escola de Piracicaba, a Escola de Agronomia da UNESP-SP – a ciência brasileira evoluiu vigorosamente. Segundo: Houve um conjunto importante de ações de governo. No governo passado, por exemplo, o programa ModerFrota trouxe financiamento para máquinas agrícolas modernas. Nosso parque estava totalmente sucateado; criou-se o

começo do ano 2000, criou-se um programa de alongamento de dívidas de produtores. Isso oxigenou o setor e deu-lhe condição de receber novos créditos. Tudo isso permitiu esse fenômeno que aí está e é uma coisa extraordinária. De 1990 a 2004, a área plantada cresceu 24%, ou seja, um crescimento de 1,7% ao ano. E a produção física cresceu 126%. Fui presidente da Aliança Mundial de Cooperativas – que congrega 102 países – e visitei, em 10 anos, 79 países de todos os continentes; cooperativas de todos os níveis; não apenas agrícolas. Não há, na história moderna, um país que tenha feito um ajuste tecnológico – quase compulsório – na agricultura como o Brasil fez. Isso é salto de qualidade. Há um outro dado da maior relevância, que é o seguinte: se tivéssemos mantido os padrões de produtividade que ■

■
“NÃO HÁ, NA HISTÓRIA, UM PAÍS QUE
TENHA FEITO UM AJUSTE TECNOLÓGICO
NA AGRICULTURA, COMO O BRASIL. ”



AGROPECUÁRIA NO BRASIL POTENCIAL PRODUTIVO

PRODUTOS	SAFRA 2003-04			POTENCIAL		
	PRODUÇÃO	ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO	ÁREA	PRODUTIVIDADE
	(MILHÕES t)	(MILHÕES ha)	(t/ha)	(MILHÕES t)	(MILHÕES ha)	(t/ha)
Soja	57,7	21,1	2,7	80,5	23,0	3,5
Milho	46,3	13,2	3,5	165,9	23,7	7,0
Arroz	12,5	3,6	3,5	26,4	6,6	4,0
Feijão	3,5	4,2	0,8	6,0	4,0	1,5
Algodão	3,2	1,0	3,2	5,2	1,5	3,5
Trigo	5,8	2,5	2,3	8,0	3,5	2,3
Demais	5,0	1,4	3,6	3,2	2,7	1,2
Total Grãos	130,8	47,0	2,8	290,1	65,0	4,5
Cana-de-açúcar*	384,4	4,9	78,4	443,3	4,9	90,0

Fontes: Agrianual, Pensa, MAPA, CONAB, IBGE – * Safra 2003

tínhamos em 1990, hoje, a área plantada teria que ser mais do que o dobro e teríamos agredido o meio ambiente. Então, o padrão tecnológico que o Brasil desenvolveu foi um padrão sustentável em termos ambientais. O agricultor brasileiro é, por princípio, um elemento defensor do meio ambiente e da sustentabilidade.

Gracioso – Fale um pouco sobre plantio direto.

Ministro – Entre esses padrões tecnológicos, muitos estão ligados a variedades novas, mais resistentes, mais produtivas, nutritivas; e outros estão ligados a técnicas culturais e do plantio direto. O plantio direto é uma atividade crescente no Brasil, sobretudo na fronteira agrícola, no

Centro-Oeste, em que a insolação é muito grande. O número de dias longos com sol muito forte acaba oxidando o solo. Os sistemas tradicionais de cultivo revolvem a terra e acabam matando micro-organismos, inibindo o crescimento da matéria orgânica do solo, perturbando a questão do próprio desenvolvimento tecnológico. O que é o plantio direto? É um sistema pelo qual os restos de uma cultura constituem uma cobertura morta no solo, que não permite a oxidação dos elementos orgânicos, não reduz a fertilidade do solo e, ainda por cima,

garante a sua umidade, inibindo a germinação de plantas daninhas. De forma que se planta uma nova cultura sobre os restos de uma antiga, obtendo-se melhores condições para a microbiologia do solo, o que melhora também as condições de fertilidade e dá uma condição adequada para tirar o produtivo. O Sr. me perguntou, no início, sobre a situação atual e o futuro do agronegócio brasileiro. Tenho alguns dados incríveis. Temos, hoje, no Brasil, 62 milhões de hectares agricultados e 220 milhões com pastagens naturais ou plantadas. O ▀

“O AGRICULTOR BRASILEIRO É, POR PRINCÍPIO, DEFENSOR DO MEIO AMBIENTE E DA SUSTENTABILIDADE.”

progresso da pecuária de corte é tão extraordinário nos últimos anos – pelas exigências do Plano Real, da abertura mundial –, que, calcula-se, nos próximos quinze anos, 30 milhões de hectares utilizados para pastagens serão transferidos para a agricultura. Levamos quinhentos anos para cultivar 62 milhões de hectares. Em mais quinze anos, poderemos crescer 50%. Com uma característica: a pecuária continuará a crescer, vamos conquistando mercados e ampliando a produtividade, com menos área de pasto, e abrindo, portanto, área para a agricultura. O potencial que temos

na agricultura brasileira é fantástico.

Gracioso – Mas será que teremos mercados, lá fora?

Ministro – Temos terra com condição de clima, solo adequado etc., tecnologia e gente preparada. Então, temos os elementos fundamentais. Quais são os nossos problemas? Primeiro, capital – escassez de capital. Segundo, logística e infraestrutura e, terceiro, garantia de mercados.

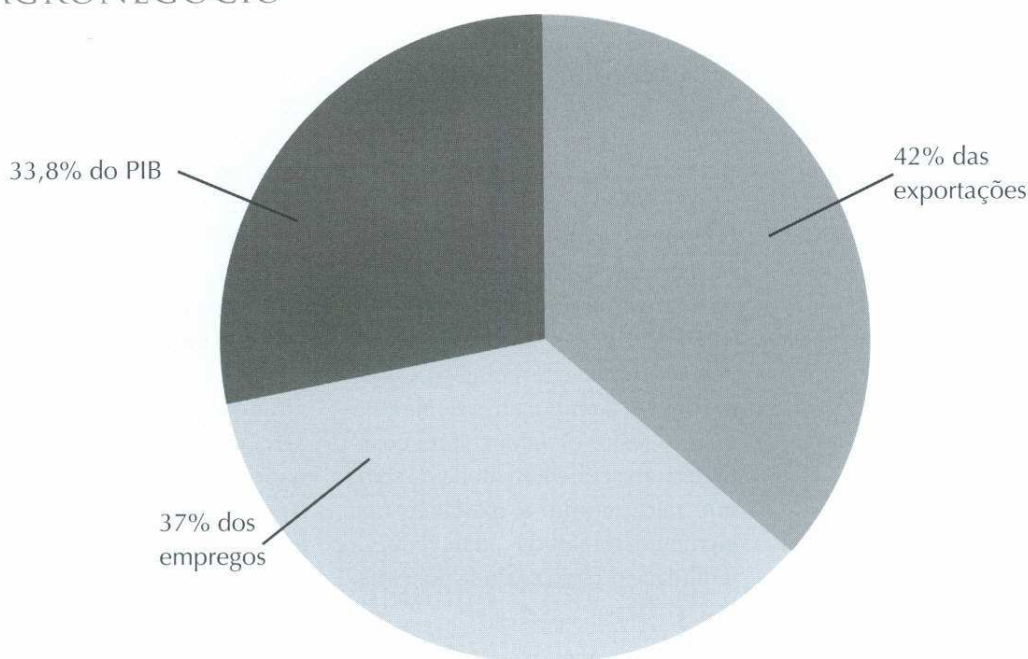
JR – Precisamos também do marketing.

Ministro – Evidente. Aliás, discorreria de maneira muito singela da seguinte forma: mercados; logística e capital não precisa desenvolver. Logística, claro. Não adianta nada aumentar a produção se não houver rodovia, ferrovia, portos, armazém, silos – isso é um gargalo fundamental.

JR – Isso está exclusivamente nas mãos do governo?

Ministro – Ao contrário. Estamos pensando no PPP – Parceria Pública Privada –, que vai levar o investimento privado a essa área, porque o

O AGRONEGÓCIO



Exportações em 2003 – US\$ 30,639 bilhões

US\$ 31,4 bilhões nos últimos 12 meses (março/03 a fevereiro/04)

17,7 milhões de trabalhadores no campo.

Em 2003, o PIB do Agronegócio = R\$ 458,83 bilhões

Fonte: CNA – IPEA.



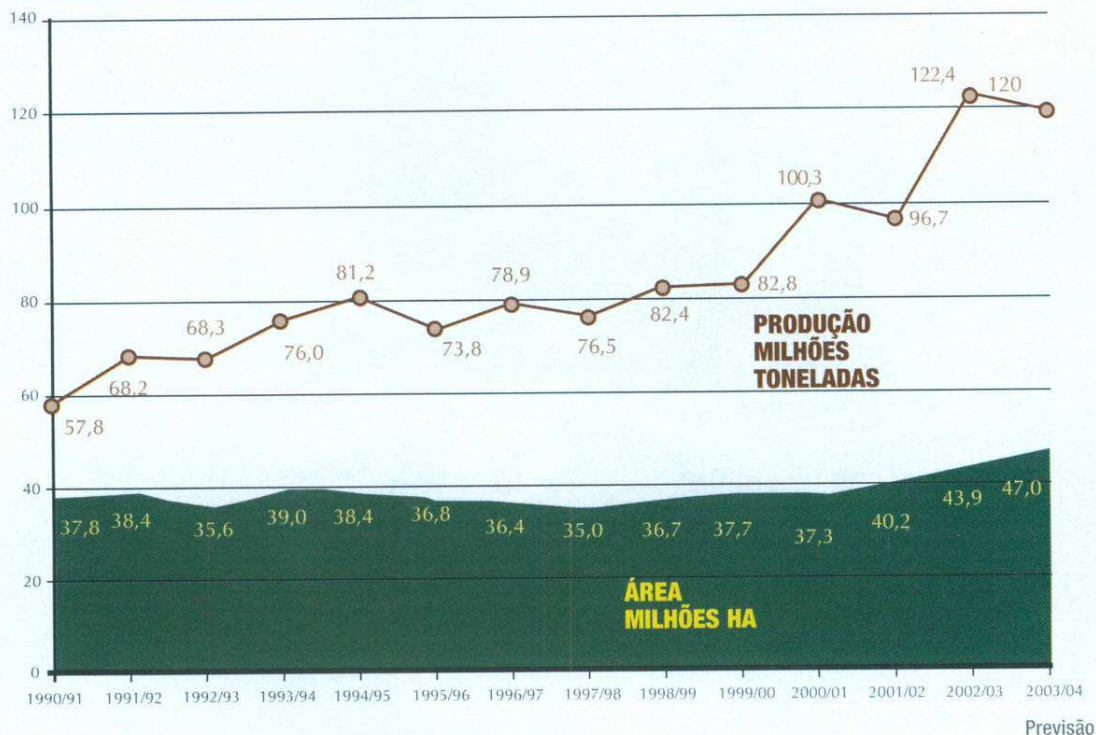
governo não tem capital para atender a toda a demanda da economia. A minha atuação no governo está centrada em três áreas: 1) políticas públicas; 2) organização das cadeias produtivas, sob a égide do conceito de agronegócios e, 3) negociações internacionais. As políticas públicas têm a ver com os elementos que favorecem a nossa competitividade. Há o custo Brasil, mas, também, coisas específicas na área de tecnologia e defesa sanitária. Toda parte de macroeconomia, como custo capital, crédito rural, seguro rural. Há uma série de assuntos, nas políticas públicas, que são óbvios. Montamos as câmeras setoriais por cadeia produtiva que permitem ao

“NESSA LUTA POR MERCADOS É DIFÍCIL IMAGINAR QUE CONCORRENTES POSSAM SER ALIADOS.”

governo compreender cada cadeia, qual a demanda que ela tem. Vou dar um exemplo, para que vocês entendam o que é uma cadeia produtiva ou câmera setorial. Montei uma câmera setorial do milho, sorgo, frango e suínos. Por quê? Porque um frango não passa de um saco de milho com bico e pena – milho que anda, canta e voa. Se não compreendermos que a integração do milho com o frango é essencial, vai haver sempre uma disputa tola, e a cadeia se rompe. Produtor de frango tem que

pagar bem para o produtor de milho para que ele fique vivo; o produtor de milho tem que produzir bem para vender barato para o frango, para que ele fique vivo. Então, o equilíbrio entre eles é fundamental para que a cadeia tenha um frango com qualidade e preço que atenda ao consumidor interno e externo de maneira competitiva. E a atividade internacional tem a ver, fundamentalmente, com a sua pergunta central: temos mercado para isso? É aqui que estamos lutando – na OMC, ▀

EVOLUÇÃO DA SAFRA DE GRÃOS



na ALCA, nas relações da União Européia com o Mercosul, para criar regras de comércio mundial que permitam abrir os mercados. E, simultaneamente, temos que trabalhar com as questões de marketing, promoção comercial, para que possamos mostrar ao mundo o que somos capazes de fazer. Estou indo para a China, agora, com um grande programa de promoção comercial, preparado para aquele grande mercado.

JR – Como se comporta a marca Brasil nesse processo?

Ministro – É uma marca de valor, porém, ao mesmo tempo em que é respeitada pelos concorrentes – que

sabem que nossa competitividade é realmente irreconhecível – é também, em certa medida, execrada. Precisamos tomar muito cuidado com essa marca. Por exemplo, na agricultura, recentemente, houve um erro de estratégia. Alguns elementos da área ambiental declararam que o Brasil desmatava a Amazônia para plantar soja. E não é verdade. Quem desmata a floresta são as madeiras, em busca de madeira. Depois de desmatado, aí alguém vai lá e planta soja no pasto. Soja e pasto são consequências do desmatamento e não causa. Mas, nossos concorrentes usam isso para dizer: “Não vamos comprar carne do Brasil porque comprar carne de lá representa desmatar a Amazônia”. É um des-

virtuamento da marca Brasil. Ela é respeitada, mas é também temida. Os adversários vão tentar atacá-la. Daí a necessidade de negociar bem, para vencer na ALCA.

Gracioso – Ministro, nesse desafio, os norte-americanos são nossos aliados ou adversários? Por exemplo, para derrubar os subsídios europeus, o que interessa também a eles.

Ministro – Nessa luta por mercados – uma verdadeira guerra –, é difícil imaginar que concorrentes possam ser aliados. Norte-americanos e brasileiros, europeus e australianos disputam os mercados, cada qual com seu nível de competência. Há uma disputa ácida, que dificulta

ações em parceria. Mas há momento ou setores em que países se aliam. Vou dar um exemplo. O Brasil é, hoje, o maior produtor mundial de etanol de cana-de-açúcar. Os norte-americanos estão investindo vigorosamente em etanol de milho, que é muito mais caro. Dentro de dois ou três anos, eles talvez produzam mais etanol do que nós, embora por custo maior, mas eles têm dinheiro para subsidiar o milho. Somos mais competitivos, mas eles têm dinheiro. Então, possivelmente, Brasil e Estados Unidos sejam aliados na disputa por mercado mundial de etanol, num primeiro momento, e transformem-se em concorrentes, num segundo momento. A Argentina e o Brasil podem perfeitamente ser aliados na disputa por terceiros mercados, em soja ou em carne. Não o somos ainda; concorremos, fazendo leilão às avessas – tentando jogar o preço para baixo. Como os

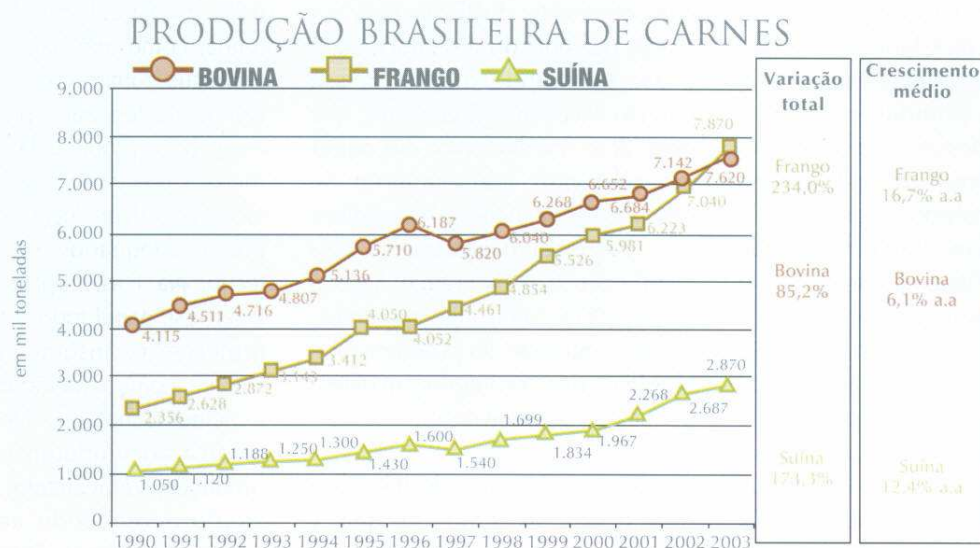
preços são *commodities* definidos na Bolsa de Chicago, não há muito problema. Mas, se nos uníssemos, teríamos mais condições de interferir e influir nos preços em nível mundial. Não existe ainda, na disputa por mercado, uma troca de amabilidades, mesmo entre aliados, mas é preciso costurar redes entre países, que nos dêem condições de avançar nessa direção.

Gracioso – É preciso um pouco de negociação também, embora isso não esteja muito de acordo com os postulados do marketing e da livre competição.

Ministro – A livre negociação na agricultura não existe porque os

mercados são conspurcados pelo protecionismo dos países desenvolvidos. Lutamos – nos acordos mundiais – para que isso aconteça. Até porque defendo insistentemente uma tese que é uma tese política. O Sr. dizia que o agronegócio deixa de ser uma questão econômica, mas também social e política. A minha tese em relação a esse assunto é a seguinte: há um lado dos elementos positivos – e mágicos até – que o mundo experimentou com a economia globalizada, e há o aspecto negativo, que é a exclusão social. A busca da concorrência acaba excluindo os menos capazes e cresce, no mundo, a exclusão social, como cresce, na outra face da mesma moeda, a constituição da

“A BUSCA DA CONCORRÊNCIA ACABA EXCLUINDO OS MENOS CAPAZES E CRESCE A EXCLUSÃO SOCIAL.”



Fonte: FAO – ABEF – UBA.

riqueza. Concentra-se riqueza, ao mesmo tempo que aumenta a exclusão social. Penso que esse fenômeno da exclusão e constituição de riqueza acaba sendo o maior inimigo, nos tempos modernos, da democracia e da paz universal. O risco para a paz universal cresce com o aumento da exclusão. Penso que o maior desafio da humanidade do século XXI é reduzir as diferenças entre ricos e pobres. E é uma preocupação que o mundo inteiro tem: como fazer isso? Para mim é bem claro que a forma mais fácil de

abertura de mercado para os países em desenvolvimento –, estaríamos reduzindo a distância entre ricos e pobres e, com isso, preservando a democracia e a paz universal. O meu conceito é de que a abertura comercial agrícola é irreversível, não para melhorar a condição do agricultor brasileiro, ou argentino, ou indiano; mas para melhorar as condições de paz no planeta. Embora, hoje, essa não seja a visão dos países do primeiro mundo, tenho certeza de que vai acontecer, porque as pressões serão crescentes. Na União Européia

cooperativas – o Sr. que é um especialista no assunto. E, segundo: Como o Sr. vê a China no futuro do agronegócio brasileiro?

Ministro – Cooperativismo é uma doutrina que visa corrigir o social através do econômico. Num país como o Brasil, em que as desigualdades sociais e econômicas são muito grandes, o cooperativismo tem um papel relevante. E, no agronegócio, esse papel ganha dimensão maior do que em outros setores da economia. Porque está claro que, com a economia globalizada, a agricultura só avança com agregação de valor ou com escala, o que tende a marginalizar o pequeno produtor. Aí, um elemento possível de ganhos fica eliminado. A agregação de valor implica em tecnologia e capital – que é o que falta ao pequeno produtor. Então, a tendência de marginalização do pequeno produtor é grande, em todos os países em desenvolvimento. E o cooperativismo é o único instrumento capaz de reverter esse quadro. Há um círculo vicioso dramático, na pequena agricultura: ela tem baixa renda; como tem baixa renda, não consegue comprar tecnologia; sem tecnologia, tem baixa produtividade; e com baixa produtividade, tem baixa renda. É preciso romper esse círculo vicioso em algum lugar – com crédito, preços adequados, suprimentos e tecnologia. E as cooperativas podem fazer esse papel todo o tempo, pois fornecem os insumos adequados sempre a preços melhores, oferecem a melhor tecnologia, dão assistência técnica ao produtor, compram a produção, verticalizam, industrializando e vendendo ao mercado interno ou externo – de tal forma que

“O MAIOR DESAFIO DA HUMANIDADE DO SÉCULO XXI É REDUZIR AS DIFERENÇAS ENTRE RICOS E POBRES.”

fazer isso é os países ricos abrirem seus mercados agrícolas para os países em desenvolvimento, por várias razões. Primeiro, porque nos países desenvolvidos, as populações que dependem da agricultura, são minorias – 2% da população norte-americana moram no campo; no Japão, 1,5%; na Europa, 5%; no Brasil, 20%; na China e na Índia, mais de 50%. Então a dependência de maiorias populacionais, nos países em desenvolvimento na agricultura, é muito maior do que nos países desenvolvidos. Mais que isso. Nos países ricos – são tão ricos que podem pagar para não produzir. Ao passo que nós precisamos produzir para pagar o que devemos. Se houvesse – por parte dos países ricos – a visão de defesa da democracia e da paz universal, e de que é melhor reduzir a produção deles – ainda que eles pagassem os produtores para não produzirem, e isso permitisse a

já começa um movimento de modificação da política monetária, porque o conceito de alargamento da União Européia leva a este tipo de coisa. Sustento que a agricultura e o agronegócio brasileiros – além de serem os setores mais competitivos no Brasil – permitirão, crescentemente, distribuir melhor a renda, defendendo a democracia e a paz do mundo inteiro. E isso criando excedentes financeiros, que permitirão investimentos em outras áreas do país, para também se desenvolver de maneira harmoniosa – e o país terá um crescimento mais distributivo e democrático. Vejo o agronegócio como algo que transcende o interesse do produtor rural brasileiro, mas constitui-se em defesa política da paz universal.

Gracioso – Gostaria de lhe fazer duas perguntas. Primeiro, qual é o papel que o Sr. enxerga para as

um conjunto de pequenos produtores fica grande dentro de uma cooperativa. Elas são a grande solução para o pequeno produtor. Quanto à China, trata-se de um país admirável, que viverá nos próximos anos, um processo espantoso – 350 milhões de chineses que habitam hoje o campo virão para as cidades. Isso representa um desbalanceamento na produção rural da China, que é fortemente dependente de água para irrigação. Como a demanda de água será muito maior na área urbana, haverá uma redução da produção agrícola da China. Fui à China em novembro e propus ao governo chinês que fizesse um estudo amplo que pudesse responder ao seguinte: em 2005, 2006, nos próximos vinte anos, o que é que a China vai produzir a menos, e o que é que ela vai precisar a mais, de alimentos? Proteínas, carboidratos, carne, açúcar, café, soja. O que eles vão precisar nos próximos vinte anos? Ano após ano. O Brasil pode participar dessa demanda crescente da China.

Gracioso – Tomara que esse projeto vá para frente.

Ministro – Não há nenhum país no mundo com o potencial agrícola que nós temos, como não há nenhum país no mundo com o potencial de demanda como a China tem hoje em dia. São países cuja parceria é quase espontânea, e poderia ser negociada através de um grande acordo comercial, que pretendemos assinar com a China proximamente.

JR – Ministro, para encerrar, como

o Sr. vê as oportunidades de carreira no setor do agronegócio, para os jovens brasileiros?

Ministro – Com muito otimismo e muita esperança. Não se tratam apenas de carreiras ligadas à produção agrícola. Hoje, temos que olhar a agricultura com visão ampla. Precisamos de negociadores, que não são comerciantes – são coisas distintas. Precisamos de negociadores e precisamos de comerciantes. Precisamos de gente que entenda a legislação da OMC, como as coisas

“VEJO O AGRONEGÓCIO COMO ALGO QUE SE CONSTITUI EM DEFESA POLÍTICA DA PAZ UNIVERSAL.”

operam na ALCA, para poder negociar tratados. Isso é importante, são juristas, economistas que compreendam isso; não apenas agrônomos, veterinários.

Gracioso – Nós ainda somos obrigados a contratar advogados norte-americanos.

JR – E pessoas na área de comunicação?

Ministro – Preciso de *traders*, de promoção comercial, de marketing, no mundo inteiro. Agora, por exemplo, estamos levando para a China um carro Flexfule, para mostrar aos chineses que o etanol é um bom combustível para os carros chineses. Isso é marketing. Estejam certos de que o espaço para profissionais no maior negócio do Brasil é enorme, mas deve ser por eles conquistado. Quero ver gente falando de agronegócio na mídia

brasileira, mostrando que é o maior negócio do país e que gera empregos fora da fazenda. Um motorista de caminhão – que transporta garrafas de guaraná e cerveja ou caixas de Sonho de Valsa – mantém o seu emprego porque alguém está plantando cacau na Bahia, amendoim em São Paulo, trigo no Paraná e açúcar no Rio de Janeiro. E esse produtor de cacau, açúcar etc. dá origem ao emprego do camarada que tem uma fábrica de papel celofone, para embrulhar o Sonho de Valsa. Se a sociedade brasileira convencer-se da importância

do agronegócio para si, as políticas públicas poderão ser muito mais consistentes em favor do agronegócio, porque, num país democrático, as políticas surgem com base no que a opinião pública pensa a respeito do setor.

Quero terminar com uma frase romântica e até um pouco mística, mas na qual acredito piamente. Acho que a vida – que é a maior dívida que temos, uma dívida divina – só continua porque há agricultores fazendo comida, roupa, algodão, remédio. A vida é fruto da parceria entre o agricultor e Deus. Uma parceria divina que precisa ser respeitada como quase sempre aconteceu nas antigas civilizações. Não posso aceitar que toda a civilização, hoje, dependa do petróleo – que é um produto que acabará em menos de um século. Enquanto a agricultura é eterna. 